

FACULDADE DE CONCHAS (FACON)

POLO A CASA TOMBADA.

**PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU: A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS
- ABORDAGENS POÉTICA, LITERÁRIA E PERFORMÁTICA.**

ALCIDES GIZI GONÇALVES

Orientadora:

Profª Mestre Letícia Liesenfeld Erdtmann

**ALFATARIA DE GESTOS POÉTICOS: A ESCUTA COMO A
EXPERIÊNCIA SENSÍVEL ENTRE CORPOREIDADE, NARRAÇÃO E
POESIA.**

SÃO PAULO

2020

ALFAIATARIA DE GESTOS POÉTICOS

Somos o que somos. Somos o que sentimos. Somos o que pensamos. Somos o que desejamos. Somos o que fazemos, mediados por gestos e movimentos. Somos nosso corpo, carregamos em nossos corpos marcas de nossos sentimentos, crises, conquistas, impasses, em fim nossa história.

(Madalena Freire)

Assim sendo, este mergulho e transbordamento corporificado e ampliado de partículas e fluxos do corpo cotidiano realiza-se não somente em busca de essência individual, mas também um movimento, um fluxo - refluxo contínuo social.

(FERRACINI, 2006,p.19)

RESUMO

O presente ensaio destaca uma alfaiataria de gestos poéticos de um alfaiate que em seu ofício em riscar, alinhavar, cortar e costurar o tecido em sua constante descoberta na capacidade de lidar com a retórica do corpo. Narrar a história, conjugar e adquirir experiência por meio da percepção do corpo, do gesto, do movimento, da poesia corporal revelando a experiência sensível da presença. Como é que vai ser constituída a história em experiência ao narrar. A arte, na sua extensão humanizadora em a conexão e a afetividade do encontro.

Palavras - Chave: Narração de histórias, Corpo, Encontro.

INTRODUÇÃO

Esse ensaio nasce da vontade de narrar a preparação singular do vivido durante as apresentações experienciadas de contação de histórias no contexto urbano em bibliotecas, escolas, brechós, instituições públicas e privadas. Trabalhos realizados por mim em 2019 na região Metropolitana da Grande São Paulo - SP.

A arte sempre teve um lugar especial na minha vida, por ela poder transportar as pessoas para outras paisagens e para outras culturas; criar imagens, despertar o sentido, proporcionar a experiência de integração do corpo, emoção, mente e alma.

Assim podemos encontrar a arte como manifestação cultural e social desde os primórdios da humanidade até os nossos dias e, certamente, a acharemos amanhã, pela simples necessidade de expressão artística, inerentes aos mais diversos povos, em todos os climas, em todas as geografias, em todas as etnias e em todas as idades.

ENCONTRO COM AS ARTES

O encontro com as artes se passou em quatro momentos importantes da minha vida. Inicialmente com teatro, psicodrama, dança e depois, contação de histórias. Esta última se efetivou em um contexto muito subjetivo, ou seja, olhar para a minha timidez que até então expressava.

Objetivando melhorar minha desenvoltura na comunicação oral, escolhi o teatro porque esta expressão artística poderia vencer este gigante, uma vez que essa arte trabalha com a dicção, voz, respiração, postura, criatividade, consciência corporal, expressão, improvisação, autoconhecimento, concentração, memorização, imaginação, e habilidades sociais.

Tudo isso viabiliza o processo de atuação do ator para a realização de uma peça. Tais processos fomentam habilidades e desenvolvimentos pessoais que podem levar para vida.

Uma vez aceito o desafio foram quatro anos de dedicação aos finais de semana dessa expressão artística. O curso de teatro foi o primeiro farol dessa navegação, possibilitando-me melhoras na comunicação e expressão, além de apontar caminhos certos de descobertas.

A segunda luz do farol alcançou outra arte: o Psicodrama. Eu ansiava por uma arte capaz de trabalhar questões individuais e grupais por meio da ação dramática, de modo a favorecer minha espontaneidade e a criatividade nas relações interpessoais e profissionais.

Sua raiz está ancorada no teatro espontâneo, mas trabalha com outras linguagens como: a dança, artes, música, entre outras abordagens, e pode ser utilizada em diferentes espaços como: saúde, educação, comunidades e o meio empresarial.

A terceira luz do farol me sinalizou a possibilidade de entrar na arte das danças hebraicas, grupais (devocionais). Houve uma compreensão que das narrativas das histórias dos judeus. A dança é uma arte de movimento e favorece à expressões espontâneas de alegria. Para os Israelitas a dança é a maior confraternização entre eles, chamada de unificação.

Na história do povo judeu, sempre houve muitas perseguições e matanças e para garantir sua existência, o povo aprendeu a se unir através das danças. Conta-se que em tempos de perseguições, o povo não podendo sair de suas casas, reunia dentro delas, mas nunca pararam de dançar.

Nesse percurso, a quarta e última luz deste farol, alcançou a estrela mais brilhante do céu que foi a arte de contar história e sobre a luz da lua, os gestos poéticos foram cintilados, tudo que uma narração pode ter.

Um novo caminho surgiu através dessa arte, que a mim gera autonomia de criar e expressar minha espontaneidade em contexto que não há diretor, não há obrigatoriedade de textos decorados nem palcos ou cenários.

Essa arte é mais autônoma, e sinto mais liberdade de criar e de expressar minha espontaneidade e criatividade. É outro lugar.

O essencial eu já tenho que é meu corpo que carrega em si meu mundo interno e externo, que pode passar pelas estações do ano, com a minha voz, minhas palavras, meus cenários, minha imaginação e a poesia. Sou eu o meu próprio diretor e autor dessa caminhada.

Essa arte não é a maior ou a menor das demais, porém é esta porta que escolhi abrir e caminhar. E é sobre esta arte que pretendo contar do meu processo enquanto contador de história.

ALFAIATARIA

Assim como o bicho de seda tece o seu casulo e a aranha sua teia, o contador de história tece sua arte narrativa em sua jornada. Considero que as histórias narradas poderão ter ressonância com as próprias do contador histórias.

Para exemplificar trago uma das mais antigas profissões quase extinta no Brasil, a do Alfiate, que a meu ver, facilita uma melhor compreensão dessa relação da história narrada e o ofício desse contador.

Eu nomeio de alfaiataria de gestos poéticos, onde o contador costura e constrói de forma artesanal sua performance¹. Performance esta que se apropria de sua experiência, tornando-a orgânica por meio de sua sensibilidade e insights, ensaios, e conexão com o trabalho a ser realizado.

Assim percebida a performance não é uma soma de propriedades de que se poderia fazer o inventário e dar a fórmula geral. Ela só pode ser apreendida por intermédio de suas manifestações específicas. Ela partilha nisso com a poesia (e sem dúvida a poética) um traço definidor fundamental. (ZUMTHOR, 2018, p. 380).

A ESCOLHA DE UM BOM TECIDO

Em minha constante descoberta na capacidade de lidar com a expressividade, enquanto retórica do corpo a ser conjugada e tecida junto à palavra; narrar para mim é uma experiência corporal gestual e de movimento.

Uma sensação forte ao trilhar este caminho é de que quando a palavra partilha com o corpo uma “dramaturgia como textura” conjunta, a voz parece partilhar a qualidade do movimento ganhado maior concretude e

¹A performance é uma modalidade artística híbrida, isto é, que pode mesclar diversas linguagens como teatro, música e artes visuais entres outras.

clareza. Isso ocorre tanto na palavra dita quanto no movimento em si, como se ambos se objetivassem mutuamente. (ERDTMANN, 2017, p. 183).

Compartilho com o pensamento de (Stanislavski 1984, p.20) que o primeiro contato com a história por meio do texto deva ser sem ajuizamento, sem preconceito, afim de que as palavras secas se tornem vivas por meio sua imaginação.

E o autor que é criador, possa com sua paleta desenhar o cenário escolhendo suas cores preferidas neste quadro. Acredito que a escolha de bom tecido se efetive na qualidade em pesquisar, estudar, experimentar e se materializar para que suas tramas tenham consistência.

CORTE DO TECIDO

O texto ganha vida se você der vida a ele. Na relação com texto faz-se necessário estudar a história, e aqui compartilho da forma de estudo a percorrer o texto de Stanislavski (1984,p.27), no qual afirma que é necessário analisar dentro do texto e seus acontecimentos, o plano social , o histórico, o literário, o estético, e ações físicas e poéticas.

Trabalhar de forma mais abrangente o texto e enxergar suas paisagens, personagens, metáforas, simbologias, emoções, intenções e fazer a transposição do texto para a oralidade.

Acredito que Stanislavski faz está interlocução interessante com o texto que pode ajudar no estudo da narração de história com profundidade .

Ele chama de ação verbal que as palavras deveriam ser bem ditas e estudadas pois as palavras são vivas.

Apesar de Stanislavski ser um teórico teatral, ele traz uma expansão de conhecimentos que pode ser subtraída e depois separada na contação de história.

Quando eu menciono subtraída, é dentro do recorte de sua teoria de estudo no que se refere à análise do texto. Esta separação de ser outra linguagem, a do teatro, que é diferente da contação de história .

Na minha pouca experiência e prática de narração histórica, estudar a história nesta estrutura proposta por Stanislavki, me faz sentir mais seguro e confiante na transmissão da história.

É como se fosse uma rota para uma viagem. Eu escolho a estrada que desejo seguir para o destino proposto.

RISCAR O TECIDO

Este primeiro estudo possibilitou-me alguns questionamentos mais profundos que vão sendo respondidos com a própria leitura de forma muito individual. Não se trata de nenhum receituário, metodologia ou técnicas, mas trata-se de um caminho que me organiza e direciona.

Gosto da ideia de transitar por várias linguagens artísticas como: artes plásticas, teatro, música, dentre outras. Na preparação da história, cabe-me arriscar a construção da performance.

Sempre há possibilidade de expansão da criatividade e espontaneidade do trabalho que será desenvolvido.

Algumas perguntas são norteadas no trabalho a ser realizado, tais como: Qual é a mensagem do texto? Como eu quero compartilhar essa mensagem? O que eu quero dizer com esta história?

Como pode ser trabalhada essa história com suas metáforas e simbologias? É possível se apropriar se da história e corporificá-la no corpo e artisticamente ao narrar? O gesto poético ajuda ou atrapalha?

Estas perguntas são importantes para que eu não me perca no caminho. Outras perguntas também podem surgir e tento respondê-las, quando necessário. Não sei se terei todas as respostas, considero importante trazer estas indagações e reflexões.

ABRINDO O TECIDO PARA COSTURA

Acredito que o gesto poético pode ajudar sim, se bem conduzido, na condução da história, na medida em que a gestualidade traz visibilidade ao que está sendo narrado e suscita a imaginação, beleza e a estética no processo de criação.

Seguindo a mesma idéia de um trânsito livre entre o corpo e a história, podemos afastar aqui idéia bastante difundida de que a narrativa são acrescentados gestos e movimentos, como um recurso complementa. A forma com que o corpo é integrado neste meu processo é como parte da própria substancia deste contar. (ERDTMANN, 2017, p.181).

O gesto está a serviço da história e é parte integrante dela. Em uma perceptiva que “a ideia era compreender no gesto da experiência humana, as possibilidades qualitativas daquilo que havia sido vivido.”(GREINER, 2013, p. 396)

Muitas vezes eu abro a contação de história com gestos de boas-vindas, ora brincando com algum instrumento, ora lendo alguma poesia

Neste processo cognitivo e afetivo, compartilho com o pensamento Greiner nos diz:

Processos cognitivos (sobretudo aqueles referentes ao movimento corporal, à construção de imagens internas e metáforas) e, finalmente, discussões acerca do corpo artista, estes processos, organizando diferentes estados corporais. Os mais importantes são as metáforas do pensamento e o fluxo de imagens, as ações comunicativas e as dramaturgias. A partir daí, muitos assuntos podem ser rediscutidos (inclusive a moda, a política, a arte, a comunicação etc). A ideia é oferecer ao leitor um deslocamento conceitual que permita testar novas paisagens. (GREINER, 2013, p.56, 58,62-63).

PASSANDO O TECIDO

Acredito primordialmente que conhecer o local físico previamente antes, ou algumas horas antes de contar a história, facilita a compreensão e a inserção do corpo no trabalho narrativo.

Fazer o reconhecimento do local que você irá se apresentar e enxergar o espaço físico onde seu corpo irá transitar com as pessoas, é importante para mim.

De acordo com Machado (2015, p.113) que é importante visualizar um bom ângulo para contar história sem interferências de imagens e de preferência de um espaço neutro com a possibilidade de acolhimento.

Nem sempre o local onde eu conto as histórias é adequado. Sempre procuro fazer com que se torne mais aconchegante, garantindo à proximidade com público e ajeitando o que se pode ajeitar.

ALINHAVAR O TECIDO

O corpo é o canal vivo e potente onde se inscrevem todos os movimentos, gestos, sensações e todas as narrativas do cotidiano. Nossas vidas passam por ele, revelando a natureza da nossa existência.

É por meio do sistema sensorial que podemos ter nosso primeiro contato com mundo exterior através dos cinco sentidos: visão, olfato, paladar, audição e o tato. Cada sentido tem um órgão responsável e é do que percebemos e reagimos ao mundo.

Esta experiência com a corporeidade é vivida e experimentada individualmente e pode ser levada para contação de histórias tornado-a viva, potente e interessante. Compartilho com a afirmação de Almeida que afirma:

O pressuposto básico dessa proposta é a concepção do ser humano como um todo orgânico integrado, sem as separações clássicas de corpo e mente. As manifestações físicas e psíquicas são encaradas como formas diferenciadas de expressão da mesma energia vital. (ALMEIDA, 2009, p.19).

É possível trazer para dentro das histórias uma abordagem sensorial, através dos cinco sentidos: visão, olfato, paladar, audição e o tato.

Muitas vezes eu utilizo uma abordagem sensorial quando a história permite e cabendo um convite para que o ouvinte entre comigo na história e sinta a sensação naquele momento comigo. Um exemplo onde o sentido do olfato pode ser aguçado na narrativa: A mãe estava preparando um bolo e o cheiro que vinha da cozinha era de um bolo de chocolate com cobertura de brigadeiro e tinha um cheiro delicioso, parecia muito saboroso .

PROVANDO O TECIDO

Como torno a história em experiência? Por meio da leitura, por escuta, por meio da capacidade de me ouvir, e por meio de garantir espaços do de silêncios em mim mesmo.

Através da história, seja desenhando, escrevendo, entrando em contato com as camadas simbólicas da mesma, numa imersão sensorial e permitindo que as imagens apareçam, sem decorar texto, mas sim trazer a imagem das cenas e narrar o que estiver vendo. Creio que vou tecendo uma relação afetiva com que é experienciado nas narrativas, e torno este tecido um grande tecido.

Assim, vou incorporando a história em uma experiência vivida, sentida internamente e organicamente. E converso de forma potente com a história, David nos diz que:

Para o homem não existem alternativas senão experimentar o mundo, ser atravessado é transformado permanentemente por ele. O mundo é emanção de um corpo que o penetra um vai e vem instaura-se entre sensação das coisas e sensação de si. Antes do pensamento há os sentidos. (LE BRETON, 2016 ,p.11).

CONCLUSÃO: VESTINDO O TECIDO

A experiência em contar histórias em vários locais públicos e privados me traz a possibilidade de um grande encontro com sabores e cores, permeado no exercício constante pela afetividade e a escuta.

“A arte da palavra, oral e escrita, permite a transformação de um mundo de pensamentos, percepções, perguntas, intuições e afeto em comunicações”. (MACHADO, 2015, p.16).

O encontro é importante e estamos a serviço dele. Podem ocorrer imprevistos como ruídos externos como carro, músicas, entre outros que irão atrapalhar a narração.

Interrupções como perguntas, e comentários dos ouvintes, são sinais para ficar atento ao fluxo do diálogo e seguir uma conexão afetuosa neste processo.

Contar história é um ato social. Exige a responsabilidade da ética, política, estética e do encantamento da poesia e a estética.

Somos constituídos de histórias desde o primórdio da humanidade até os dias de hoje. As histórias nos alimentam e nos conectam conosco enquanto sujeitos e enquanto seres relacionais. É neste encontro e reencontro que nos conectamos com a nossa humanidade.

Elas são necessárias para entendemos o mundo que nos cerca, e a nós mesmos. Nelas estão contidos os pensamentos humanos e ancestrais. Ouvir histórias propicia uma entrada no universo da narrativa, facilitando o caminho para leitura. Contudo, as histórias são mais do que cultura e conhecimento, nós precisamos delas. As histórias nos contextualizam, dão significado às coisas, explicam nossa existência, dando sentido para que estamos no mundo. (LACOMBE, 2015, p.23).

As narrativas podem trazer acolhimentos e sentimentos de pertencimento ao grupo.

A arte de contar historia traz à sua potência uma fertilização em nossas vidas, como uma boa semente que floresce.

Falas múltiplas a todos os momentos nascem, ora resistências, ora lutas diárias contra injustiças, ora desigualdades sociais, ora reflexão, ora cura, ora acalento a alma, portanto, toda história importa.

As histórias nos atravessam ao reelaborarmos nossos mundos internos e externos, em um contexto imaginário e concreto. Fazendo links, pontes, e castelos dando outras leituras e conexões com a vida.

Diz a palavra que é dita pelo contador de histórias (pois palavra é coisa que diz) Que seus raros segredos fogem dos meros conceitos e nascem qual flor de lótus, espalhando sóis, desfazendo nós, tecendo e escrevendo ao vento o sabor singular que cada um quiser lhe dar.(MORAES,ET AL.,2018, p. 05).

É neste percurso que eu navego, nas tessituras das histórias com tramas diversas, de mares profundos da alma. Ao contar histórias será uma artesanaria de caminhos de aprendizagens e reflexões . É aprendizagem contínua de quem conta e ouve histórias.

Inicialmente pensei que ao contar histórias já existia uma técnica própria para condução das histórias. E considerei somente que haveria um recurso oral, depois fui percebendo que pode se contar história com corpo, gestos, objetos, dentre outras formas de passagem para a narrativa.

Contar história passa por um caminho de autoconhecimento, uma viagem interna dentro da gente; é colocar a minha personalidade ao narrar uma história. As escolhas das histórias mostram um pouco de mim.

Não existem fórmulas prontas. O que existe é uma bagagem cultural que carregamos e pode ser disponibilizada à serviço da história .

A narrativa se movimenta e pulsa em um corpo vivo, potente de energia de vida, tecido com a palavra que abre passagem a poética.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Vera Lucia Paes de. **Corpo poético (Amor e Psique)** (Locais do Kindle 2113-2114). Paulus Editora. 2009 Edição do Kindle.

FERRACINI, Renato. **Corpos em fuga ,corpos em arte fuga** ,Organizador-São Paulo: Hucitec: Fapesp 2006 .

GREINE,Christine. **O corpo: pistas para estudos indisciplinados** (Coleção Leituras do Corpo) (Locais do Kindle 56,58,62-65).ANNABLUME editora . Comunicação São Paulo.2013.

LACOMBE, Ana Luísa, **Quanta história numa história:** Relato das experiência de uma contadora de história. 1ed-São Paulo Editora Livraria e Distribuidora Ltda.2015

LE BRETON, David, **Antropologia dos sentidos.** Tradução de Francisco Morás-Petrópolis-RJ Ed.Vozes,2016 .

MACHADO,Regina **A Arte Da palavra E Da Escuta-** Edição revista E Ampliada Do Acordais-São Paulo-SP,Editora Reviravolta,2015 .

MORAES, Fabiano e Pedrosa, **Caleidoscópio Do Contador De História-Edição:** 1. Ed.Fortaleza-Ceará.2018.

STANISLÁVSKY, Constantim. **A Preparação do Ator.** Tradução Pontes de Paula Lima (a partir da edição americana). Rio de Janeiro: Ed.Civilização Brasileira, 1984.

TIERNO,Giuliano e ERDTMANN, Leticia Liesenfeld, **Narra-tecidade: Pensamento sobre a arte de contar histórias hoje. São Paulo,2017,**Casa Tombada Edições.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção, Leitura:** Tradução: Jerusa Ferreira e Suely Fenerich São Paulo: Ubu Editora, 2018 Edição do Kindle.